

NA CONTRAMÃO

Matrículas no ensino técnico brasileiro estão extremamente distantes se comparadas à realidade internacional. Reforma do ensino médio pode ajudar a reverter esse cenário

| POR LUCIANA ALVAREZ

Os jovens desejam ter acesso ao ensino técnico e profissional. A economia do Brasil precisa de jovens qualificados para o mercado de trabalho. No entanto, questões culturais, burocráticas e financeiras fazem com que a oferta dessa modalidade ainda seja exceção por aqui. Uma mudança nesse cenário traria vantagens para os jovens e para o país, defendem especialistas.

“Fizemos uma pesquisa em 2016, junto com o Todos pela Educação, com jovens de todo o Brasil, e 76% dos entrevistados afirmaram que trocariam 1/3 dos componentes curriculares das áreas do conhecimento por componentes técnicos”, afirma Ana Inoue, superintendente do Itaú Educação e Trabalho.



Divulgação

Corina Grüner é diretora do Humboldt, colégio alemão referência na educação profissional

O braço Itaú Educação e Trabalho é uma nova superintendência da Fundação Itaú, criada neste ano para ampliar o trabalho com o foco no ensino profissional que já vinha sendo realizado pela instituição. “Uma escola conectada com o mundo em constante transformação e com os anseios dos jovens é uma escola que prepara também para o mundo do trabalho. É essa escola que defendemos”, diz Inoue, umas das principais especialistas nacionais no tema.

A superintendente alerta que, no Brasil, 79% dos jovens de 18 a 24 anos que terminam o ensino médio não ingressam no superior e, entre os 21% que entram, apenas 50% concluem a etapa. “O ensino profissional e tecnológico de nível médio pode ser uma oportunidade para esses jovens que não acessam ou não concluem o ensino superior”, afirma. Ela lembra que hoje o ensino técnico representa apenas 11% das matrículas do ensino médio no Brasil, enquanto nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) essa média é de 42%.

Uma boa preparação profissional pode andar junto com uma boa preparação para a cidadania, garante Ana Inoue. “Entendemos que o pleno exercício da cidadania exige uma perspectiva de desenvolvimento profissional para as juventudes. O futuro exigirá novas formas de trabalho e a inserção dos jovens depende de formação que deverá acontecer ao longo da vida.”

O ensino profissional está amplamente contemplado pela legislação brasileira. Com a reforma do ensino médio aprovada em 2017, a educação profissional passou a integrar a educação básica de nível médio, sendo um dos possíveis itinerários formativos. Segundo a superintendente, essa inclusão é positiva. “Representa uma oportunidade de articular saberes em contextos



Divulgação / tirada antes da pandemia

O Colégio Humboldt é adepto à formação dual, que interliga a formação tradicional com experiências em empresas

diversos e de promover aprendizagens que dialoguem com seus interesses, que os estimulem a permanecer na escola, e a seguir aprendendo ao longo da vida para conquistar seus projetos pessoais e profissionais.”

A necessidade de expansão também já está na lei. O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece na meta 11 que, até 2024, devem ser triplicadas as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, com pelo menos 50% da expansão de oferta no segmento público. Neste caso é o setor privado, que normalmente tem mais recursos para promover mudanças, que está aquém do público. Em 2017, 82,2% das novas matrículas dessa modalidade eram no segmento público.

O centro educacional do Hospital Israelita Albert Einstein foi uma das instituições de ensino particular que, percebendo a necessidade do mercado e a demanda dos jovens, lançou recentemente um programa

**Uma escola conectada
com o mundo em
constante transformação
e com os anseios dos
jovens é uma escola que
prepara também para o
mundo do trabalho**

de ensino médio integrado ao técnico. As primeiras turmas, em administração em saúde e enfermagem, começaram as aulas em 2019 — e a procura tem sido “além do esperado”. A instituição já oferecia formações técnicas na área da saúde, para profissionais com o ensino médio já completo, havia 31 anos.

O professor Blaidi Sant’Anna, diretor do ensino técnico e médio, garante que a demanda por técnicos na área da saúde é imensa e crescente. “O Einstein decidiu por ampliar o oferecimento de seus cursos formando pessoas mais jovens ainda, por entender a potencialidade do público do ensino médio como futuros profissionais da saúde, por ter certeza de que a formação técnica pode contribuir para a orientação profissional do jovem e por querer contribuir com uma formação de qualidade para jovens que precisarão ou que escolherão ingressar mais cedo no mundo do trabalho”, afirma.

Segundo Sant’Anna, para estudantes na faixa dos 15 aos 18 anos, cursar um ensino técnico integrado ao médio traz a possibilidade de construção do conhecimento aliada à aplicação prática em contextos reais do mundo do trabalho.

Os estudantes do curso técnico de administração em saúde, por exemplo, têm 400 horas de estágio nos setores financeiro, marketing, jurídico, administrativo, atendimento etc. do hospital. “Há também a possibilidade de estudar uma gama maior de disciplinas, aliando o conhecimento acadêmico de excelência nas dis-

ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL

ciplinas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o conhecimento técnico propiciado pelos eixos de formação técnica e profissional.”

O diretor reconhece que o técnico ainda é subvalorizado, mas acredita que a mudança está começando. “Infelizmente, ainda há um sentimento de desvalorização das carreiras técnicas em nosso país se comparadas às carreiras universitárias. No entanto, isso aos poucos tem se alterado na medida em que carreiras técnicas passam a ser demandadas pelo mercado de trabalho bem como valorizadas financeiramente. Seremos mais uma referência para contribuir também com a superação de preconceitos quanto à qualidade da formação técnica como outras instituições privadas e públicas têm feito ao longo dos últimos anos”, diz.

MODELOS DE SUCESSO

Um dos colégios paulistanos particulares que tradicionalmente oferece ensino técnico, o Liceu de Artes e Ofícios nunca teve problemas com falta de procura e, hoje, oferece formação na área de multimídia e automação industrial. Um dos segredos do sucesso, diz a diretora Patrícia Macedo, é a proximidade com o setor produtivo. “Existe a necessidade de alinhar a oferta de cursos técnicos às demandas do mercado, para evitar a abertura de cursos que formam profissionais para áreas saturadas”, recomenda.

Os cursos são oferecidos em período semi-integral e têm duração de três anos. “Há ainda a obrigatorie-

Jovens no mercado de trabalho

Com falta de oportunidades e sem uma educação que apoie o ingresso no mundo do trabalho, a taxa de desemprego entre jovens de 18 a 24 anos foi de 27,1% no primeiro trimestre de 2020, bem acima da média geral de 12,2% do país no mesmo período. Um estudo desenvolvido com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014 mostra que profissionais que fizeram cursos técnicos têm um acréscimo, em média, de 18% na renda em relação a pessoas com perfis socioeconômicos semelhantes que concluíram apenas o ensino médio regular.



Ricardo Matsukawa / tirada antes da pandemia

Ana Inoue do Itaú Educação e Trabalho alerta: Brasil, 11% das matrículas de ensino médio técnico; países da OCDE, 42%

dade de 300 horas de estágio, pois acreditamos que o estágio abre portas para o mercado de trabalho”, conta a professora.

Outra instituição particular referência na educação profissional é o colégio alemão Humboldt, que tem a chamada formação dual desde 1982. Os cursos atuais, de logística e informática, são gratuitos para os alunos porque há empresas parceiras que os bancam. Mas o domínio da língua alemã é pré-requisito.

Para a responsável pelo segmento, Corina Grüner Taiana, a alta taxa de efetivação é um dos principais atrativos. “Nosso curso é reconhecido pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha e conta com a parceria de algumas grandes empresas. Durante dois anos os jovens fazem estágios, passam por todas as áreas das companhias. A maior parte dos estudantes acaba sendo efetivada assim que se forma”, explica.

Segundo Grüner, mesmo com trabalho certo, ainda é comum que os alunos no Brasil procurem entrar em um curso universitário na sequência. “Na Alemanha, essa formação é tão reconhecida que muita gente não faz a faculdade. Então, vejo que esse caminho tão comum para a faculdade seja em parte porque ainda existe preconceito aqui no Brasil”, afirma. Com ou sem faculdade na sequência, a educadora garante que o curso traz vantagens. “A parte prática dentro da empresa abre a cabeça do jovem, ele vai ver a vida como é — e assim aprende mais rápido.”